

Haddad acredita em recuo do tarifaço pelos EUA

Ministro considera a chance após conversa entre Lula e Trump

Por Gabriela Gallo

Após os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e dos Estados Unidos (EUA), Donald Trump (Republicano), decidirem que irão se encontrar novamente para discutirem sobre as tarifas de 50% contra a exportação de produtos brasileiros, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, se manifestou otimista de que eles possam “virar a página” sobre o assunto. A declaração foi feita pelo ministro em entrevista ao programa “Bom dia, Ministro”, da EBC, nesta terça-feira (7).

Na conversa entre Lula e Trump na segunda-feira (6), os chefes de Estado definiram que ambos irão se encontrar novamente presencialmente nos respectivos países um do outro — Trump no Brasil e Lula nos Estados Unidos. Todavia, antes desse encontro, a articulação entre os países sobre o tarifaço ficará a cargo do secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, junto ao vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio do Brasil, Geraldo Alckmin (PSB), o ministro de Relações Exteriores, Mauro Vieira, e o próprio Haddad. Apesar de Trump ter se manifestado favorável a uma articulação entre os países, o representante norte-americano é visto como um possível obstáculo, visto que Marco Rubio compõe a ala conservadora e ideológica de Trump.

Contudo, Haddad disse que confia na diplomacia brasileira, independentemente do perfil do responsável em negociar com o Brasil. Ele ainda alegou que a tensão entre os países se tratou de uma “largada equivocada a ser superada”.



Fabio Rodrigues-Pozzebom/ Agência Brasil

Haddad disse acreditar que EUA e Brasil corrigirão suas relações

“Eu creio que a estratégia que foi decidida pelo presidente Lula vai render os melhores frutos para o Brasil, independentemente de quem seja designado para negociar em nome do governo dos Estados Unidos. E penso que a diplomacia brasileira, com os argumentos que tem, vai saber superar esse momento que foi um equívoco muito grande”, ele disse.

O ministro ainda reforçou que as tarifas na exportação de produtos brasileiros aos EUA (como carne, café, frutas, açúcar e verduras) também está prejudicando os cidadãos norte-americanos. “O papel dos Ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento é oferecer os melhores argumentos econômicos para mostrar, inclusive, que o povo dos Estados Unidos está sofrendo com o tarifaço. Eles estão pagando o café mais caro, a carne mais cara e vão deixar de ter acesso a produtos brasileiros de alta qualidade no campo da indústria. Eles estão notando

que as medidas mais prejudicaram do que fortaleceram”, reiterou o chefe da Fazenda.

Tarifa zero

Questionado durante a entrevista, Haddad confirmou que, a pedido do presidente Lula, o Ministério da Fazenda estuda a possibilidade de implementar a gratuidade nos transportes públicos (ônibus, metrô e trens) ao redor do país. O ministro esclareceu que a pasta realiza uma “radiografia” do setor de transportes para analisar a possibilidade.

“Nós sabemos que transporte público no Brasil, sobretudo urbano, é uma questão importante para o trabalhador. Nesse momento nós estamos fazendo radiografia do setor a pedido do presidente. Tem vários estudos que estão sendo recuperados pela Fazenda para verificar se existem outras formas mais adequadas de financiar o setor”, ele afirmou.

Nesta radiografia, o Minis-

tério da Fazenda analisará algumas variantes. Dentre elas: quanto custa o setor; uma média do valor das passagens pagas pelo trabalhador; quanto que o poder público está colocando de subsídio no setor de transportes; quanto que as empresas mediante o vale-transporte estão aportando no setor; quais são as oportunidades tecnológicas; dentre outras.

Em entrevista à Record, Haddad admitiu que possível gratuidade de transporte público pode integrar a campanha presidencial de Lula para a reeleição à presidência da República em 2026.

De acordo com uma estimativa da Confederação Nacional do Transporte (CNT), a isenção do pagamento de passagens custaria R\$ 90 bilhões para a União. Em entrevista à CNN, o presidente da CNT, Vander Costa, alega que uma eventual gratuidade aos transportes públicos seria um problema para os cofres públicos.

Bolsonaristas fazem caminhada em Brasília por anistia

Aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que está em prisão domiciliar, concentraram-se em frente à Biblioteca Nacional de Brasília na tarde desta terça-feira (7) para dar início a uma caminhada em defesa da anistia aos condenados na esteira dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. A caminhada seguiu até o Congresso Nacional.

Além do pastor Silas Malafaia e do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, participaram do ato a ex-primeira-dama Michele Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e Renato Bolsonaro, que é irmão do ex-presidente. Manifestantes carregavam bandeiras do Brasil, de Israel e dos Estados Unidos, e pediam anistia “ampla e irrestrita”.

A anistia é a pauta principal do bolsonarismo hoje. Bolsonaro foi condenado a 27 anos e três meses de prisão pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Outros sete réus foram condenados a penas que vão de 2 a 26 anos de reclusão.

Mais de mil condenados

Cerca de 1.200 pessoas foram condenadas no STF ou fecharam acordos com o Ministério Público pelo episódio de 2023. Balanço divulgado pela corte em agosto informava que, naquela data, 29 pessoas estavam presas preventivamente e 112 cumpriam prisão definitiva — outras 44 estavam em prisão



Joédson Alves/Agência Brasil

Caminhada tenta pressionar Congresso a votar anistia

domiciliar.

O ato desta terça foi convocado por Silas Malafaia. A ideia é se contrapor aos protestos de esquerda contra a pauta que ocorreram por todo o país no último dia 21 de setembro.

As manifestações de esquerda contaram com shows de artistas, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, no Rio de Janeiro, e ajudaram a enterrar a PEC da Blindagem e a esfriar as movimentações pela anistia.

“Nós não podemos deixar a

esquerda com a última palavra naquela palhaçada de artista de misturar temas, certo? Para enganar o povo. Então, no mínimo, vamos fazer uma caminhada”, disse Malafaia, que afirmou esperar ao menos 5.000 pessoas na Esplanada.

A opção foi pelo formato de uma caminhada num dia de semana, não uma manifestação no domingo, porque havia pouco tempo para articular um novo protesto de grande porte.

Segundo Malafaia, a expectativa é que o presidente da Câ-

mara, Hugo Motta (Republicanos-PB), pautar a proposta nesta semana.

Mas o projeto de lei relatado por Paulinho da Força (Solidariedade-SP) e que conta com o apoio de Motta trata da redução de penas, não do perdão. Ao chegar no ato, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, disse à Folha que a maneira de aprovar a anistia é “colocar o povo na rua”.

Ao fazer a convocação para a caminhada, o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) publicou uma foto de Lula de 1979 com uma camiseta escrito “anistia”.

“Que camisa maneira desse cara!”, escreveu o parlamentar. A imagem tem sido replicada por bolsonaristas para forçar um paralelo entre a anistia após a ditadura militar e a de agora aos que participaram da tentativa de golpe e dos ataques golpistas às sedes dos três Poderes em Brasília.

Os bolsonaristas já tinham promovido uma caminhada pela anistia em Brasília, em maio, com a participação de Bolsonaro.

O Monitor do Debate Político do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e a ONG More in Common fez uma estimativa com base em imagens aéreas e afirmou que havia cerca de 4 mil pessoas na manifestação no horário de pico.

Catarina Scortecchi (Folhapress)

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Vinicius Loures/Câmara dos Deputados



Baleia Rossi, presidente nacional do partido

Em 2026, MDB estará onde quase sempre esteve

A menos de um ano para o primeiro das eleições de 2026, tudo indica que o MDB vai ficar no seu lugar preferido, nem lá nem cá, muito menos em cima do muro.

A postura deverá ser compatível com o partido que, ao longo de décadas, privilegia questões regionais às nacionais. Os interesses locais tendem a ser mais importantes.

Na prática, isso aponta

para a grande possibilidade de, em 2026, o MDB nacional repetir 2022 e não apoiar nenhum candidato à Presidência — e, ao mesmo tempo, permitir que seus filiados fiquem do lado de quem quiserem.

Dos 27 diretórios regionais do partido, 16 são majoritariamente contra Lula — o que não significa adesão ao bolsonarismo — e nove são a favor.

Norte e Nordeste

O apoio ao presidente da República se dá em dois estados do Norte — Amazonas e Pará — e nos nove do Nordeste. O comprometimento nesta região também é variável: o senador Alessandro Vieira, de Sergipe, que deve tentar a reeleição, não é identificado com o petismo.

Hegemonia

Outro problema no Nordeste é que emedebistas deverão perder a vaga de vice-governadores em três estados administrados por petistas: Bahia, Piauí e Ceará. A tendência é de que o PT faça chapas formadas apenas por seus filiados — quer evitar lideranças de outras siglas.



Divulgação/Governo SP

Ricardo Nunes: com Tarcísio onde ele estiver

Filiados livres para manifestarem apoios

A neutralidade não impedirá que lideranças locais apoiem candidatos à Presidência e aos governos estaduais.

Em São Paulo, o prefeito da capital, Ricardo Nunes, e o presidente nacional do partido, deputado Baleia Rossi, apoiarão o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) caso ele tente a reeleição.

O prefeito paulista também estará com Tarcísio caso ele tente a Presidência; mas isso não implicará apoio do MDB nacional.

No Paraná e em Goiás, emedebistas ficarão com os candidatos aos governos indicados pelos atuais administradores — Ratinho Júnior (PSD) e Ronaldo Caiado (União).

Lá e cá

A autonomia regional do MDB chegou a criar casos curiosos: em 2014, mesmo tendo indicado Michel Temer para vice de Dilma Rousseff, o partido, no Rio Grande do Sul, disputou, com José Ivo Sartori, o governo do estado contra o petista Tarso Genro — este perdeu.

Tic, tac

A frase que abre a coluna começa a despertar pesadelos no grupo que vai da extrema-direita ao Centrão — é que falta menos de um ano para o primeiro turno, e não há candidato definido para a provável disputa com Lula, que tentará uma nova reeleição.

Mistério

O maior problema é a insistência de Jair Bolsonaro em não indicar candidato. Sequer diz abertamente que quer alguém que tenha o mesmo sobrenome como candidato a vice: Flávio ou Eduardo, ou a mulher, Michelle. Por enquanto, ninguém ousa desafiar o ex-presidente.

Problemas

Michelle tende a puxar mais votos, mas é vista com desconfiança por políticos: ninguém sabe o que é capaz de fazer. Flávio é mais palatável, mas, na campanha, enfrentaria fantasmas como as rachadinhas — o caso foi encerrado na Justiça, mas as provas permanecem.